**SÍNDROME DA ÚLCERA GÁSTRICA EQUINA**

**Anaïs de Castro Benitez1\*, Juliana Vieira Dumas1, Isabella Eduardo da Silva¹, André Luis de Oliveira Rodrigues², Thayná Garcia Amorim², Loiane Aparecida Diniz², Renata de Pino Albuquerque Maranhão³**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato:* [*anaisbenitez.23@gmail.com*](mailto:anaisbenitez.23@gmail.com)

*² Residente na Clínica de Equinos - UFMG - Belo Horizonte/MG – Brasil*

*³ Professora de Clínica de Equinos - UFMG - Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A Síndrome da Úlcera Gástrica Equina, ou EGUS (*Equine Gastric Ulcer Syndrome*) é uma doença de grande prevalência nos equinos, porém pouco diagnosticada devido aos seus sinais clínicos não específicos⁴. Tem maior frequência em animais de alta performance e causa nesta categoria grande perda de produtividade devido ao desconforto causado, principalmente após a prática de exercícios⁷. Por ser subdiagnosticada e pouco conhecida pelos criadores de equinos, é uma doença que pode levar a perda de qualidade de vida para o animal e a grandes perdas econômicas. Novos estudos têm mostrado que o diagnóstico correto sobre a localização das úlceras deve ser feito para que a origem da afecção seja elucidada, permitindo o combate ao fator de risco presente na rotina do animal¹,¹º. Dessa forma a presente revisão busca compilar as principais informações sobre essa importante doença para os criadores de equídeos no Brasil.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Para a pesquisa por informações sobre o assunto foram usadas plataformas como Scholar Google, PubMed, Portal Capes e Scielo. Os artigos julgados relevantes foram usados como fonte de estudo para a elaboração dessa revisão de literatura.

**REVISÃO DE LITERATURA**

 A Síndrome da Úlcera Gástrica Equina envolve o conjunto de sinais clínicos que ocorrem pela lesão da mucosa gástrica, podendo abranger o esofago terminal, a porção aglandular proximal do estômago, porção glandular distal do estômago e duodeno proximal¹. Essa lesão da mucosa é normalmente causada pela sua exposição ao ácido gástrico e o dano pode incluir inflamação, erosão (solução de continuidade da mucosa) ou ulceração (penetração da submucosa), podendo até mesmo levar à perfuração do órgão⁸. A causa dessa afecção é o excesso de fatores lesivos, como produção de ácido clorídrico, acetilcolina, ácidos biliares e pepsina, ou a falha nos mecanismos protetores existentes na mucosa².

Anatomicamente o estômago é dividido em duas porções, sendo elas o terço mais proximal conhecido como porção aglandular ou escamosa, e os dois terços distais que compõem a porção glandular¹º. Essas duas partes possuem mucosas com composição citológica e funções diferentes, sendo que a parte glandular é responsável pela produção e liberação de ácido clorídrico e pepsinogênio e, por estar em contato constante com esses agentes, possui mecanismos protetores eficientes¹. Entre os mecanismos de proteção presentes na porção glandular se encontram uma adequada irrigação da mucosa, secreção de muco, prostaglandinas e mecanismos citoprotetores². Há diferenças etiologicas e de prevalência na localização das úlceras, sendo que 80% das úlceras ocorre na região aglandular, resultando na ESGD (*Equine Squamous Gastric Disease*), e apenas 20% na porção glandular, na chamada EGGD (*Equine Glandular Gastric Disease*)⁷.

Os fatores de risco que aumentam os agentes lesivos à mucosa são estresse de qualquer origem, dietas ricas em grãos, alimentação intermitente, exercício intenso, corridas e uso de AINEs¹. Animais de alta performance estão expostos a mais de um fator de risco e estudos mostram grande prevalência da síndrome nesse grupo, chegando a 88% em cavalos PSI e Standardbred corredores e em treinamento³. Além disso, em momentos de exercícios de alta intensidade a pressão intra-abdominal aumenta, forçando o conteúdo estomacal para a porção aglandular, o que potencializa o contato de agentes erosivos com a mucosa menos protegida, aumentando assim as chances de desenvolvimento da ESGD¹.

Os sinais clínicos envolvidos na EGUS são cólica aguda e/ou recorrente, decúbito, diminuição do apetite, perda de peso, queda de performance, alterações de comportamento, alongamento do corpo para urinar e diarreia crônica¹. Esses são sinais pouco específicos e por isso o diagnóstico da EGUS deve ser feito com a junção do histórico, sinais clínicos do animal e o exame complementar de gastroscopia, sendo o método confirmatório dessa afecção⁸. A gastroscopia também será importante para a determinação da localização das lesões e diferenciação entre ESGD e EGGD, possibilitando que se investigue as origens da afecção no animal, uma vez que há diferença na etiologia de cada uma das síndromes¹º.

O tratamento se baseia no alívio da dor, recuperação e prevenção da formação de novas úlceras. Sendo assim, o objetivo da abordagem farmacológica é aumentar o pH estomacal e suprimir a liberação de HCl, podendo-se lançar mão de supressores de HCl e inibidores da bomba de prótons, como o omeprazol⁴. O controle das lesões deve ser seguido de alteração no manejo e na dieta objetivando diminuir os fatores estressantes, aumentar a frequência de refeições do animal e diminuir os carboidratos facilmente fermentáveis da alimentação ¹.

Após o tratamento é importante que fatores de risco no manejo do animal sejam alterados, como diminuição na intensidade dos treinamentos, regulação da alimentação com inclusão de mais fibras na dieta, soltura do animal em piquetes para pastejo e diminuição do estresse caso este permaneça em baias, aumento da frequência de refeições durante o dia⁹. A alimentação com maior frequência e o pastejo permitem maior fluxo de saliva e da ingesta, os quais diluem o ácido presente no estômago⁸. Estudos mostraram que animais que recebem alimento com menor frequência, concentrando o volume alimentar em menos refeições, possuem maior prevalência de EGUS por passarem maior tempo durante o dia com o estômago vazio e pH mais ácido¹.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Síndrome da Úlcera Gástrica Equina é uma doença de grande prevalência em equinos e que, porém, é pouco relatada no Brasil, uma vez que é pouco reconhecida pelos criadores. Possui mais de uma etiologia e variados fatores de risco, e, por isso, deve ter o diagnóstico feito corretamente para que o manejo do animal previna recorrências e minimize as perdas econômicas associadas à queda da performance e produtividade dos animais.